



Escola de amor ou de escândalo?

Inglaterra, 1812.

Leonora Freemantle fizera uma aposta alta, defendendo a teoria de que era os estudos, não o direito de nascimento que produziam um cavalheiro, mas tendo O atraente sargento Morse Archer sob sua tutela, já não tinha tanta certeza do resultado que alcançaria. Seria refinamento, paixão... Ou ultraje? Se Leonora Freemantle não conseguisse fazê-lo passar por cavalheiro diante da sociedade de Bath, teria de se casar imediatamente. Mas não se ele pudesse evitar, jurou Morse Archer, pois aquela linda intelectual, de altos ideais e charme inocente, estava lhe ensinando, sem o menor esforço, a verdadeira linguagem do amor...!

Copyright © 2001 by Deborah M. Hale
Publicado originalmente em 2001 pela
Vivas ou mortas terá sido mera coincidência.
Título original: Wedding Wager
Tradução: Cristina Laguna Sanguiliano Boa
Editor: Fernanda Cardoso
Editor e Publisher: Janice Florido
Editora de Arte: Ana Suely S. Dobón
Paginadora: Nair Fernandes da Silva

DIGITALIZAÇÃO E REVISÃO: MARINA CAMPOS

CAPÍTULO I

Hospital Militar Bramleigh para Praças 1812

O lugar cheirava a homens. Leonora Freemantle sentia-se tão tensa quanto uma lebre farejando predadores. Sem olhar para os lados, atravessou a enfermaria, seguindo a enfermeira-chefe. Ao passar pela cama de cada soldado convalescente, sentia-lhes os olhares maliciosos e ouvia os comentários sussurrados:

— Parece que a enfermeira chefe está treinando uma nova megera, pessoal.

— Perceberam que ela parece estar chupando um limão?

— Faz-me lembrar aquele sargento do treinamento! Os risinhos zombeteiros acompanhavam os passos de Leonora. Empinando o queixo e endireitando os ombros, ela resistiu ao impulso de ajeitar os óculos e o chapéu, pois os soldados poderiam interpretar o gesto como um sinal de fraqueza. Jamais daria a eles a satisfação de pensarem que sua opinião tinha qualquer importância. Infelizmente, não podia apagar o rubor intenso que fazia suas faces arderem. Há quanto tempo àqueles homens não desfrutavam da companhia de uma mulher? Ainda assim, consideravam-na ridícula, sem nenhum atrativo. Ao menos, eram honestos. O que não poderia ser dito sobre a maior parte dos exemplares daquele sexo. Isso, Leonora aprendera com a amarga experiência. A enfermeira-chefe entrou em uma pequena sala e encaminhou-se para um grupo de homens agachados a um canto. Leonora ouviu o ruído baixo dos dados rolando no assoalho. Alguém soltou um grito, e outras vozes praguejaram.

— Conseguiu outra vez, Archer! — elogiou um dos espectadores.

— Você é, definitivamente, o sujeito de maior sorte que já vi!

Ao ouvir tal nome, Leonora empertigou-se. Se aquele era o sargento Archer que ela fora visitar, sentia-se encorajada por saber que ele apreciava jogos de azar.

O jogador apanhou os dados com movimentos experientes.

— A sorte não tem nada a ver com isso — declarou em tom divertido. — Trata-se de simples habilidade, rapaz.

— Sargento Archer! — a enfermeira-chefe chamou em tom de reprovação.

— Quanta vez já lhe disse que não podem jogar no hospital? O sargento levantou-se, exibindo a estatura e os músculos esguios de um fuzileiro. Por um instante, suas feições se contorceram em uma careta de dor, mas logo seus lábios se curvaram em um sorriso devastador, dirigido à enfermeira-chefe. O coração sensível da estudiosa Leonora disparou. As cartas que seu primo Wesley enviara de Portugal não a haviam preparado para o que ela via, agora. *Pare com isso! Repreendeu-se. Pare com essa tolice, agora mesmo!* Seu corpo, traidor, rebelou-se. O coração acelerou ainda mais suas batidas. Por que um homem como aquele a afetaria tanto? Leonora fez a pergunta a si mesma, observando-o aplacar a ira da enfermeira-chefe e despertar-lhe uma boa dose de tolerância. Esperava encontrar uma explicação intelectual para tal problema e, assim, recuperar o controle sobre seus sentimentos. Por que ele? Afinal, já vira homens muito mais bonitos e atraentes, assim como mais educados e suaves. Não havia nada de suave nas feições daquele homem. Todos os traços eram definidos e firmes. O nariz e o queixo projetavam-se para frente, como se fossem esculpidos em pedra, prontos para dominar o mundo. A boca bem proporcionada parecia capaz de expressar todo tipo de pensamento ou sentimentos, enquanto os olhos escuros eram penetrantes.

Em um rosto menos espetacular, as espessas sobrancelhas negras sobressairiam, mas no sargento Morse Archer harmonizava-se, emprestando-lhe um aspecto sedutor.

— O que temos aqui? — ele indagou, fixando o olhar hipnótico em Leonora.

Só então ela se deu conta de que os olhos dele eram uma mistura de verde, castanho e

dourado. Pela primeira vez em muitos anos, ela lamentou não ser bonita. A aparência magnífica do sargento parecia torná-la ainda mais desinteressante. Embora repetisse para si mesma que aquilo não passava de uma grande bobagem, não pôde evitar o desejo de que ele gostasse do que estava vendo. Foi a enfermeira-chefe quem respondeu à pergunta dele:

— Visita para você, sargento Archer. Agora, trate de se comportar.

Bastou um olhar de Archer, para que seus companheiros se dispersassem rapidamente. A enfermeira-chefe postou-se do lado de fora da porta. Leonora não saberia explicar se a intenção da outra era garantir a privacidade de sua conversa, ou agir como um tipo de acompanhante.

— O que uma dama tão adorável poderia querer com um sujeito como eu? — sargento Archer perguntou, assim que a sala esvaziou.

Sua voz era grave e profunda, e ele voltou a exibir aquele sorriso devastador.

Uma onda de raiva tomou conta de Leonora. *Dama adorável?* Mentiroso! Seria possível que aquele cínico esperava que ela se derretesse ao ouvir o falso elogio? Ao retirar a luva, teve ímpetos de esbofeteá-lo. Porém, ao se lembrar de que precisava desesperadamente da cooperação dele, conteve a ira e estendeu-lhe a mão.

— Sargento Archer, sou Leonora Freemantle. Creio que conheceu meu tio, sir Hugo Peverill. Vim lhe fazer uma proposta. Leonora percebeu de pronto que suas palavras o haviam perturbado, embora ele se esforçasse para disfarçar a própria reação. Franzindo o cenho, ele declarou em voz baixa, porém firme e ameaçadora:

— Vá embora, Srta. Freemantle. Não estou interessado em sua proposta.

Tentou girar nos calcanhares, mas a perna ferida não colaborou. A expressão zangada deu lugar a uma careta de dor e ele tropeçou. Sem pensar, Leonora estendeu a mão para ampará-lo. As mangas da camisa do sargento estavam enroladas até os cotovelos. Ao segurar o braço bronzeado, ela sentiu os músculos fortes, o calor da pele coberta de pêlos negros e sedosos. Algo parecido a uma corrente elétrica percorreu seu corpo, começando nas pontas dos dedos e na palma da mão, irradiando-se pelo braço, até chegar à garganta. Leonora detestou o que sentiu. Como aquela criatura irritante se atrevia a provocá-la de tal maneira? Especialmente quando a mandava embora, sem ouvir uma só palavra do que ela tinha a dizer. Muito tempo antes, Leonora havia jurado jamais se submeter aos caprichos masculinos. Não pretendia começar agora, quando seu futuro estava em jogo. Archer tentou libertar o braço, mas ela o segurou com mais força.

— Vou soltá-lo quando concordar em me ouvir, sargento Archer.

A animosidade entrou em conflito com o divertimento, e cada nuance da batalha tornou-se evidente naquele rosto expressivo. Por fim, o divertimento venceu.

Seus lábios se curvaram em um sorriso maroto.

— Ora, nosso dia poderá se tornar muito interessante, caso eu decida não ouvir.

Leonora sentiu as faces arderem. Sabia o que ele diria a seguir, pois seu raciocínio adiantara-se e chegara à mesma conclusão.

— Para não falar da noite ainda mais interessante que virá depois — Archer completou, soltando uma risada bem humorada e contagiante.

Com um gesto abrupto, Leonora soltou-o. As lágrimas fizeram seus olhos arderem, mas ela se recusou a deixar que elas caíssem. Por que tio Hugo escolhera aquele sujeito irritante como objeto de sua aposta?

Ao ver que ele se dirigia, com passos lentos e irregulares, para a porta, fez uma última e desesperada tentativa:

— Estranho... Pelo que ouvi, não imaginei que fosse tolo, sargento.

As palavras atingiram o alvo. Archer hesitou e endireitou os ombros, tornando-se visivelmente tenso. Sem perder tempo, Leonora prosseguiu:

— Em minha opinião, somente um tolo se recusa a ouvir uma proposta que poderá beneficiá-lo. Embora continuasse olhando para a porta, ele respondeu:

— Quando uma mulher como a senhorita faz uma proposta a um homem como eu, Srta. Freemantle, nem sempre será ele o beneficiado. Ao menos, não a longo prazo.

Ela teve de reprimir o gemido de vergonha que se formou em sua garganta. Calculara que Morse Archer agarraria com as duas mãos a oportunidade que ela lhe ofereceria. No entanto, ele conseguia inverter os papéis e colocá-la na posição de suplicante. E não havia papel que Leonora detestasse mais. Então, sua determinação de vencer a aposta com seu tio Hugo, para nunca mais ter de pedir qualquer coisa a um homem, duplicou-se.

— O que quer dizer com "uma mulher como eu", sargento?

— Não se faça de boba, mulher — ele replicou, virando-se para fitá-la. — Quero dizer "uma mulher de classe como a senhorita" — explicou em tom desdenhoso.

— Ficaria surpreso se soubesse que dou tanta importância à noção de classe quanto o senhor?

— Sim, ficaria.

Respirando fundo, Leonora forçou-se a fitá-lo nos olhos.

— Acredito que tudo o que separa as chamadas classes altas das baixas é a educação.

— É mesmo? — ele indagou, cruzando os braços sobre o peito, como se inquirisse: "E o que isso tem a ver comigo?"

Bem, ao menos, ele já não tentava sair da sala.

— Sim. É por isso que estou aqui. Tio Hugo acha sou esquisita, assim como a maioria das pessoas que me conhecem.

Uma das sobranceiras negras ergueu-se, como se o sargento estivesse considerando unir sua opinião à dos demais. Leonora apressou-se em continuar, temendo que ele a mandasse embora de novo.

— Meu tio fez uma aposta comigo, para testar a validade de minha teoria.

Ao ouvir a palavra "aposta", Archer não escondeu o interesse. Ansiosa, ela continuou:

— Tenho três meses para educar um soldado comum e fazê-lo passar por um cavalheiro, um oficial do exército, durante a temporada, em Bath. Se eu vencer a aposta, tio Hugo financiará uma escola para meninas indigentes, da qual eu serei diretora.

— E eu sou o soldado comum e ignorante que a senhorita pretende fazer mudar, como em um passe de mágica?

A pergunta era inocente, mas a maneira como os lábios dele se curvou indicava desprezo.

— Se por "passe de mágica", o senhor entende algo fácil ou ilusório, está enganado, sargento. Serão três meses de trabalho árduo para nós dois. No final, tenho certeza de que considerará que o resultado valeu à pena. Vai aceitar?

Archer sorriu, mas seus olhos permaneceram sérios.

— Não, Srta. Freemantle, não vou aceitar — respondeu com fingida cortesia.

— Agora, faça a gentileza de ir embora. Já ocupou muito do meu tempo, em uma única tarde. Seria possível que ele não reconhecia a chance que Leonora estava lhe oferecendo? Não era óbvio que ela fazia isso por uma causa nobre?

— É totalmente desprovido de ambição, sargento? Não se interessa em melhorar suas próprias condições? O sorriso falso desapareceu, dando lugar à expressão de fúria mais assustadora que Leonora já vira. Sem perceber o que fazia, ela recuou um passo.

Archer só parou quando estava muito próximo, quando ela pôde sentir-lhe o hálito quente de encontro às faces. Falou com intensidade, em um sussurro capaz de intimidar muito mais do que os gritos de qualquer outro homem.

— Tenho muita ambição, Srta. Freemantle. Nos meus termos. Acontece que gosto de quem e do que sou. Portanto, pode ficar com as suas melhoras. Não preciso que a senhorita, ou qualquer outra pessoa, me transforme em um cavalheiro idiota.

Leonora hesitou por um instante. No fundo, não podia deixar de admirar o orgulho e a independência de Morse Archer. Então, lembrou-se de tudo o que teria a ganhar... e a perder, e forçou-se a tentar mais uma vez.

— Por favor, sargento. Se não for por si mesmo, pense na minha escola.

— Onde a senhorita pretende transformar camponesas perfeitamente inteligentes e saudáveis em debutantes inúteis? Ah, sim, claro, uma causa muito nobre!

Reunindo toda a dignidade que lhe restava, Leonora replicou:

— Não espero que compreenda os meus motivos, pois ninguém compreende.

— O problema é que eu compreendo perfeitamente, Srta. Freemantle. Sei tudo sobre receber a caridade de meus "superiores", mesmo que não a queira, e ter de me curvar para agradecer. As palavras atingiram-na como um golpe físico. Sua escola não seria como ele estava dizendo... Ou seria?

— Não estamos falando de caridade, sargento,— Não, Srta. Freemantle?

De repente, a explosão de fúria de Archer pareceu esgotar-se, e ele virou lentamente na direção da porta e começou a se afastar. Por um momento, Leonora limitou-se a ficar ali, parada, observando-o afastar-se. Exausta, sentia-se como se houvesse sido atingida por uma violenta tempestade. Enquanto reunia coragem para, mais uma vez, enfrentar os olhares e sussurros na enfermaria, perguntou-se como seu tio reagiria àquela mudança inesperada. Ele fora implacável ao escolher aquele homem em particular. Bem, ela havia feito o possível para recrutar Morse Archer. Ele recusara a sua oferta. Tio Hugo teria de, simplesmente, escolher outra pessoa.

Em certos aspectos, era uma pena. O sargento parecia possuir boa dose de inteligência e seu discurso não era muito rústico. Somando tais qualidades à aparência extremamente atraente, não teria sido difícil fazê-lo passar por um cavalheiro. Ao mesmo tempo, Leonora emitiu um suspiro de alívio. A última coisa de que precisava era passar três meses na companhia constante de um homem como Morse Archer. Tão obstinado, tão intratável, tão... Irresistível.

Morse observou Leonora Freemantle atravessar a enfermaria, obviamente desapercibida das piscadelas e cotoveladas com que os homens cumprimentavam sua partida. Aproximando-se da janela, continuou a fitá-la, enquanto ela subia em sua caleche e partia. Queria ter certeza de que ela fora embora. Ou, ao menos, foi o que disse a si mesmo.

— Vamos tentar a sorte com os dados, mais uma vez, sargento? — perguntou um jovem cabo do regimento de Morse, com um sorriso esperançoso.

O braço do rapaz fora decepado abaixo do cotovelo, mas ele aprendera a jogar os dados muito bem com a mão esquerda. Morse sacudiu a cabeça, como teria feito um irmão mais velho com coisas mais importantes a fazer do que distrair as crianças da família.

— Você ouviu a enfermeira-chefe, cabo Boyer. Nada de apostas no hospital. Já tenho problemas demais com o exército. Não preciso procurar por outros.

Boyer sorriu, envergonhado, e afastou-se. Aquela era a primeira vez que Morse se referia à Comissão de Inquérito, embora a questão certamente fosse conhecida por todos os soldados convalescentes de Bramleigh.

Havia uma grande probabilidade de que ele fosse rebaixado, ou até mesmo demitido do

exército. Pensar na Comissão fazia Morse lembrar-se da infeliz retirada de Bucaso. Sua perna latejava, logo acima do joelho, onde uma baioneta francesa o atingira.

Durante a retirada britânica de Bucaso. Com dificuldade, caminhou até sua cama e deitou-se. Seus calcanhares se projetavam cinco centímetros para fora do colchão. Tentando distrair-se da dor na perna, assim como das lembranças igualmente dolorosas daquela última batalha, pôs-se a pensar em Leonora Freemantle.

Mulherzinha atrevida! Como ela se atrevia a entrar ali, como se fosse sua fada-madrinha, oferecendo-se para transformá-lo em um cavalheiro? Pouco antes de ela abrir a boca, Morse sentira-se atraído por alguma coisa nela. Agora, simplesmente não saberia dizer o que poderia tê-lo atraído. A mocinha possuía pouco em comum com o tipo de mulher que ele costumava considerar interessante. Em primeiro lugar, era magra e angulosa demais para seu gosto. Morse raramente prestava atenção em roupas femininas, mas no caso dela, eram feias demais para serem ignoradas. Geralmente, admirava os cabelos das mulheres, mas a Srta. Freemantle prendera os dela e os escondera completamente sob o chapéu, de maneira que ele não poderia dizer de que cor eles eram. Havia algo nos olhos dela, talvez fosse a cor, ou o brilho, mas os óculos arruinavam até mesmo aquele pequeno encanto. Em resumo, ela parecia uma solteirona puritana e intelectual. Mas não fora nada disso o que despertara o antagonismo de Morse. Fora a voz dela. Desde que se alistara no exército, durante seu tempo de serviço na Índia e na Espanha, ele tivera raras oportunidades de ouvir uma dama inglesa falar. Havia apenas uma mulher em Bramleigh, se é que se poderia chamá-la assim. O sotaque da enfermeira-chefe, a velha megera nascida na Cornualha, era tão carregado que Morse tinha muita dificuldade em compreendê-la. Nada naquela voz estridente evocava lembranças dolorosas. O mesmo poderia ser dito de Leonora Freemantle. Para piorar ainda mais a situação, as primeiras palavras que ela havia pronunciado envolviam uma proposta. Era verdade que a proposta não se parecia em nada com aquela feita por lady Pamela Granville, um dia antes do dia em que ele se alistara. No entanto, o eco emocional fora igualmente doloroso, levando-o a resistir à oferta da Srta. Freemantle, antes mesmo de ouvi-la. Agora, sentindo a perna latejar e tentando bloquear os ruídos vindos da enfermaria, Morse perguntava-se se fora mesmo um tolo ao rejeitar a proposta dela de pronto. Suas alternativas eram mais que limitadas. Não poderia ficar em Bramleigh por muito mais tempo, uma vez que o período de risco de amputação se esgotara e ele já conseguia usar a perna, mesmo que não com a agilidade de antes. Mesmo que a Comissão de Inquérito não o expulsasse do exército, ele não poderia voltar a viver como soldado. Os médicos estavam otimistas de que sua mobilidade retornaria com o tempo. Até então, sua incapacidade tornaria praticamente impossível encontrar o tipo de trabalho que sua educação limitada lhe permitia realizar. A sineta anunciou que era hora do jantar. Com um suspiro desanimado, Morse levantou-se e se colocou no final da fila para o refeitório. Lá, comeu o ensopado morno e aguado sem o menor interesse, ou prazer. Boyer e alguns outros soldados de seu regimento tomaram seus lugares à mesa de costume, junto de Morse. Afinal, eram todas vítimas da retirada de Bucaso. E haviam tido sorte.

— Sua visitante não ficou por muito tempo, sargento — Boyer comentou com ar inocente e, ao mesmo tempo, curioso. — Não é exatamente o seu tipo de mulher, é?

Os homens à mesa trocaram sorrisos. A facilidade com que o sargento se relacionava com as mulheres era motivo de orgulho entre seus subordinados. E eles sabiam que Morse gostava de garçonetes bonitas, de curvas generosas e atrevidas. Também sabiam que ele raramente tinha de se esforçar para atraí-las.

Sem erguer os olhos do prato, Morse pôs fim ao divertimento dos soldados com uma

única frase: — A moça é prima do tenente Peverill. Um "ah" sussurrado ergueu-se entre os soldados, carregado de pesar. O falecido tenente Wesley Peverill contara com a estima universal entre os homens de sua companhia. Assim como o sargento Morse Archer. Só então Morse deu-se conta do que o atraíra na Srta. Freemantle, antes que ela começasse a falar. Fora a sua semelhança com o primo. O tenente Peverill fora um homem magro, de baixa estatura e enganoso ar de delicadeza. No entanto, aquela figura nada promissora abrigava a astúcia de uma serpente e a coragem de um leão, além de ser um exemplo de tenacidade e determinação. Enquanto vivesse, Morse Archer lamentaria a morte estúpida de seu jovem tenente. Tivera um vislumbre da inteligência e da bravura feroz do tenente Peverill em sua prima. Ela se mantivera controlada e o atingira com todo tipo de munição que tinha em seu poder. Quando Morse se voltara contra ela, irado, não conseguira sequer intimidá-la. Ficara cético quando ela alegara que classe social não significava nada. Agora, lembrando-se do parentesco dela com o tenente, podia acreditar que fora sincera.— Ela veio agradecê-lo, Sargento? — Boyer perguntou. Morse assentiu.

— Mais ou menos. Todos sabiam que sir Hugo Peverill fora visitar o sargento logo após a sua chegada em Bramleigh. O velho senhor fora agradecer Morse por ter arriscado a vida para salvar o tenente da morte certa. Infelizmente, os ferimentos recebidos pelo jovem eram graves demais e ele não sobrevivera. Mas o triste pai acalentara o pequeno consolo de que o filho morrera e fora enterrado em seu lar, na Inglaterra, em vez de uma cova rasa, sem lápide, em Portugal. Sir Hugo oferecera dinheiro, um emprego, qualquer coisa que Morse desejasse. Morse recusara com cortesia. Não sentia o menor orgulho do que fizera durante a retirada. Seu ataque desesperado à verdadeira floresta de baionetas francesas fora pouco e acontecera tarde demais. Aceitar uma recompensa só aumentaria o seu sentimento de culpa.

Aparentemente, sir Hugo não estava disposto a aceitar um não como resposta, pois sem dúvida inventara aquele estratagema de uma aposta com a sobrinha. Morse não chegava ao ponto de desconfiar que Leonora Freemantle soubesse tratar-se de uma estratégia. Ela não teria sido capaz de argumentar com tamanha paixão se não acreditasse que o desafio do tio era genuíno. Mordendo um pedaço de pão duro, Morse imaginou o tipo de comida que lhe seria servido na propriedade de sir Hugo, Laurelwood. Quando as rações eram limitadas, em Portugal, o tenente Peverill lembrava-se com nostalgia do conteúdo da despensa de seu pai, bem como do talento das cozinheiras. Mais histórias como aquela voltaram à lembrança de Morse, quando ele perambulava pela enfermaria, depois do jantar, sentindo-se estranhamente inquieto. Naquela noite, sonhou com uma cama imensa, cujo colchão era recheado de plumas e coberto por lençóis brancos e perfumados. O fogo ardia na lareira. Sobre a mesa do quarto, havia um ganso assado, cercado de todos os acompanhamentos, a pele dourada e crocante cobrindo a carne escura e succulenta. Morse acordou com água na boca. Sem dúvida, Laurelwood teria sido um alojamento mais do que confortável durante os três meses seguintes, enquanto ele recuperava os movimentos da perna. Um teto aconchegante sobre sua cabeça. Refeições como ele não comia havia anos. E nada seria exigido dele, exceto ser educado pela sobrinha intelectual de sir Hugo. Refletindo melhor sobre tudo aquilo, Morse descobriu que a idéia era muito atraente. Agora, porém, era tarde demais.

Sem dúvida, a Srta. Freemantle já cuidara de encontrar alguém disposto a colaborar. Um sujeito esperto, que não permitisse que o orgulho e lembrança tolas o cegassem para

Algo bom. Morse lembrou-se da advertência feita por seu pai, um dia:

— Quando um homem não possui nada, não pode se dar ao luxo de ter orgulho, filho. Lembrou-se, também, da frase amarga que pronunciara sobre os túmulos sem lápide de sua família:

— Quando um homem não possui nada, o orgulho é tudo o que ele pode se dar ao luxo de ter. Um dia, Morse Archer pensou, sacudindo a cabeça, seu orgulho ilegítimo o faria mergulhar em problemas sérios.

CAPÍTULO II

Fale logo, Leonora. Não me deixe em suspense nem mais um minuto, minha querida. — Sir Hugo ergueu os olhos do faisão em seu prato com o semblante iluminado. — Quando ele virá? A fim de se demorar mais um pouco, Leonora fingiu intenso interesse em seu jantar. Estava faminta. A viagem a Bramleigh fora longa e fria e, na volta, ela contara somente com sua indignação para aquecê-la.

— E então? Quando? — sir Hugo repetiu.

Leonora continuou hesitando. Não era covarde. Seu primo Wesley sempre dissera que ela possuía mais coragem que um soldado ao negar as expectativas da sociedade e permanecer solteira e devotada aos seus estudos.

Negar a sociedade era uma coisa. Negar uma resposta a sir Hugo, quando ele estava determinado a recebê-la, era outra. Leonora costumava comparar o marido de sua falecida tia a um cocheiro do Correio Real. Cavalgando em disparada para seu destino. Ignorando objeções como passar em alta velocidade por postos de pedágio. Impaciente diante do menor atraso ou desvio. Ele não ficaria nada contente com o desvio que ela estava prestes a lhe apresentar, mas não faria sentido adiar o inevitável.

— Ele não virá, titio. — Embora tentasse se mostrar indiferente, Leonora preparou-se para a reação violenta. Teremos de encontrar outra pessoa. Tenho certeza de que existem muitos homens com bom senso suficiente para reconhecer uma boa oportunidade que lhes seja oferecida.

— Não virá? Ridículo! Bobagem! — O bigode grisalho de sir Hugo agitou-se e o proeminente nariz romano pareceu engolfar o ar à sua frente. — É claro que ele virá! Leonora imaginou-o acrescentando: "O sargento Archer ainda não sabe disso, mas virá". Ela sacudiu a cabeça.

— Não, titio. Ele foi muito claro. Não foi fácil convencê-lo a me ouvir. Quando finalmente consegui explicar minha presença lá, ele me acusou de tentar forçá-lo a aceitar caridade.

— Então, você deve ter explicado da maneira errada. — Os pálidos olhos azuis exibiram o brilho que aterrorizava muitas pessoas. — Eu sabia que deveria acompanhá-la. Você é uma boa moça, Leonora, mas não sabe nada sobre o orgulho masculino. Leonora afastou o prato, perdendo o apetite. Gostaria de lembrar a sir Hugo que vira a fortuna de sua família desaparecer, em nome do orgulho masculino. Percebendo que as faces dele haviam adquirido uma tonalidade escarlate, desistiu de iniciar uma discussão. Apesar da obstinação e arrogância, além de caprichos excêntricos, ele era uma criatura generosa, com um enorme coração. Embora fosse seu parente apenas por casamento, fora um verdadeiro pai para ela, muito mais do que qualquer dos homens com quem sua mãe se casara.

— Não fique nervoso, titio — Leonora murmurou, tentando acalmá-lo. — Não podemos encontrar outra pessoa? Não acredito que o sargento Archer vá aceitar a proposta, mesmo que o senhor a faça. Ele é um sujeito incrivelmente teimoso.

— Teimoso? — Sir Hugo agitou a faca no ar, como se fosse uma espada. — Está querendo dizer resoluto. Somente um caráter resoluto é capaz de desobedecer ordens e enfrentar uma dúzia de franceses com baionetas, para salvar Wesley.

Leonora não teve a menor dificuldade de imaginar Morse Archer lutando contra um batalhão francês. Também não era difícil imaginá-lo desobedecendo ordens. A parte difícil era imaginá-lo fazendo tudo isso pelo bem de outra pessoa.

Fazia muito tempo que Leonora aceitara a idéia de que os seres humanos eram criaturas egoístas por natureza. O sargento lhe parecera ser um homem habituado a cuidar de si mesmo. Ela havia tentado apelar para o senso de altruísmo dele, ao mencionar a escola, mas ele chegara a ser insultante em sua recusa, com mais uma ladainha sobre caridade indesejada. De repente, a verdade se fez clara para Leonora.

— É disso que trata a aposta, não é, tio Hugo? Não tem nada a ver comigo, ou com a escola. Está apenas usando isso como desculpa para recompensar o sargento Archer.

— Desculpa? Recompensa? De jeito nenhum! Sir Hugo bebeu um longo gole de vinho, evitando o olhar da sobrinha.

— Ele não aceitou a sua ajuda, quando o senhor ofereceu de maneira franca e direta — ela persistiu. — Por isso, o senhor teve a idéia de fazer essa aposta. Deveria ter sido honesto comigo. A expressão de alívio tomou conta do semblante de sir Hugo. Sendo um homem franco e direto, não poderia ter sentido prazer ao enganá-la.

— Admito que essa foi uma parte do meu motivo. Eu não tinha esperanças de que Wes deixasse Portugal vivo. Você não imagina o que significou para mim tê-lo aqui. Por mais que eu faça, nunca farei o bastante para recompensar Archer por tornar isso possível. Gostaria de fazê-lo entender. A última frase foi pronunciada com um profundo suspiro. Leonora sentiu o peso da dívida de seu tio no próprio coração.

— Não posso dizer que me importo por ser manipulado dessa maneira, titio

— repreendeu-o com gentileza, mais magoada do que zangada. — Pensei que estivesse levando essa aposta a sério.

— E estou, minha querida. O que a fez pensar o contrário? Levo a nossa aposta muito a sério. Quero ver você feliz, casada com um bom homem, sendo mãe de um bando de crianças, para que eu possa mimá-las na minha velhice.

— Titio! — Leonora não pôde evitar o tom áspero. — Já discutimos isso, pelo menos uma centena de vezes. O senhor sabe muito bem que eu jamais seria feliz em um casamento, assim como Wesley não teria sido feliz como civil. Tarde demais, cobriu os lábios com a mão. A última coisa que desejava era aumentar ainda mais o sofrimento do tio. Sir Hugo fitou-a por um longo momento, antes de inquirir:

— E ele está feliz, agora? Eu deveria ter me esforçado mais para dissuadir Wes de se alistar. Não vou ficar sentado e cometer o mesmo erro com você, minha querida. O fato de Clarissa nunca ter encontrado um homem com quem não se casaria não é motivo para condenar todo o sexo masculino...

— Agradeço se mantiver minha mãe e seus homens fora disso! — Leonora interrompeu-o, irritada. O tio ergue a mão em um gesto de rendição.

— Não vamos brigar por isso. Estou dizendo apenas que, como não consegui convencê-la a fazer a minha vontade, fui levado ao extremo de fazer essa aposta. Se você vencer, financiarei a sua escola.

— E? — Leonora persistiu.

— E garantirei os rendimentos necessários para que nunca precise se casar.

A simples idéia trouxe um sorriso de contentamento aos lábios de Leonora.

— Trate de não se esquecer da sua parte na aposta — sir Hugo alfinetou-a.

O sorriso da sobrinha se desfez. — Eu não poderia esquecer, titio. Como poderia

esquecer, quando era a sua felicidade que estava em jogo? Se perdesse a aposta, teria de se casar com o homem que seu tio escolhesse. Se não quisesse tanto construir a sua escola, jamais teria concordado com os termos de sir Hugo.

— Outra coisa de que deve se lembrar é que detenho o direito exclusivo de escolher o objeto de nossa aposta. Não aceitarei ninguém, exceto Morse Archer.

— Mas, titio, já lhe disse...

— Sim, já disse. Agora, eu vou lhe dizer uma coisa, Leonora. Se Archer não concordar em vir, a aposta estará cancelada.

— Não está falando sério — Leonora murmurou, pálida. Se perdesse aquela chance, jamais teria a sua escola.

— Nunca falei tão sério em minha vida. Não precisa ficar desesperada, menina. Vou acompanhá-la, desta vez, e tenho certeza de que, juntos, conseguiremos convencer o sargento Archer. Por que não se arruma um pouco para a nossa visita? Não tem vestidos mais coloridos? Leonora pensou em protestar, alegando que sua aparência seria a última coisa capaz de fazer o sargento mudar de idéia. Afinal, o mastro coberto de fitas usado nas festividades da primavera continuava a ser um mastro de madeira.

— Cinza é uma cor, titio — disse apenas.

— Não é. Assim como preto, marrom ou verde-escuro. Faça alguma coisa com seus cabelos, enquanto pensa em um vestido. Não pode prendê-lo no topo da cabeça e deixar os cachos caírem?

— Sim, titio — Leonora murmurou com um suspiro. Não havia a menor possibilidade de contrariá-lo, quando ele estava naquele estado de espírito. E ela não se sentia nem um pouco ansiosa para fazer uma segunda visita a Bramleigh. Quando se visse na companhia dos dois homens mais irritantes que ela já conhecera, Leonora não sabia se seria capaz de controlar o impulso de esbofeteá-los. Quando o pai e a prima do tenente Peverill o encontraram, Morse caminhava com dificuldade no terreno que circundava o hospital, atravessando um atalho lamacento, com a ajuda de um galho de árvore, que ele usava como bengala. O inverno de Somerset era rigoroso, mesmo para pessoas que não houvessem passado uma década sob o calor escaldante da Índia e da Península Ibérica. Como estivesse experimentando seu primeiro inverno inglês, em dez anos, Morse sentia o frio com intensidade muito maior do que havia esperado. Mesmo assim, não suportava mais ficar fechado na enfermaria. Era um homem habituado a viver ao ar livre, um homem de ação, muito indicado para a Brigada de Fuzileiros. Mesmo que o exército não o demitisse, chegara o momento de aposentar a farda verde. Sentiria falta dela. Apesar do perigo, da comida horrível, do salário miserável, do calor, das moscas, do ódio dos nativos, da estupidez de muitos oficiais e da solidão ocasional. Fora o que ele conhecera, durante dez anos. Sentia-se vazio e perdido ao pensar em deixar tudo àquilo para trás. Mais ainda quando considerava o futuro incerto que tinha à sua frente.

— Olá! Sargento Archer! Morse ergueu os olhos e deparou com sir Hugo Peverill que se aproximava, com Leonora Freemantle no seu encalço. Sem se dar conta do que fazia, Morse não só estudou, mas também aprovou a maneira como ela caminhava. Queixo erguido. Olhos fixos em seu alvo. Nada de choramingo devido à lama que poderia arruinar a bainha de sua capa e vestido.

— Já começava a acreditar que não conseguiríamos encontrá-lo! — sir Hugo declarou, ofegante. De súbito, Morse deu-se conta do que eles certamente queriam. A idéia de passar três meses em Laurelwood foi como uma luz na escuridão. Se seu maldito orgulho não interferisse e atrapalhasse seus planos.

Morse estendeu a mão. — É um prazer revê-lo, senhor.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

